



**REFLEXÕES E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO INICIAL E CONTINUADA DOS
PROFISSIONAIS QUE ATUAM COM O ENSINO RELIGIOSO**

doi: [10.25247/paralellus.2026.v17n40.p123-141](https://doi.org/10.25247/paralellus.2026.v17n40.p123-141)

**DISCURSOS DE MULHERES MARGINALIZADAS E
SUBALTERNIZADAS SEXUALMENTE ACERCA DA DISCIPLINA DE
ENSINO RELIGIOSO EM ESCOLAS ESTADUAIS E MUNICIPAIS DE
RECIFE**

DISCOURSES OF MARGINALIZED AND SEXUALLY SUBALIGNATED
WOMEN ABOUT THE DISCIPLINE OF RELIGIOUS EDUCATION IN STATE
AND MUNICIPAL SCHOOLS IN RECIFE

DISCURSOS DE MUJERES MARGINADAS Y SEXUALMENTE
SUBALTERNIZADAS SOBRE LA DISCIPLINA DE LA EDUCACIÓN
RELIGIOSA EN LAS ESCUELAS ESTATALES Y MUNICIPALES DE RECIFE

*Aurenéa Maria de Oliveira**

*Camylli Vitória de Lima Correia Moraes***

RESUMO

Este artigo explora o impacto do Ensino Religioso (ER) nas escolas públicas estaduais e municipais de Recife, considerando sua influência sobre mulheres com diferentes identidades sexuais e de gênero, levando em conta neste processo a ausência dessas temáticas na BNCC. Baseando-se em teóricos como Louro e Butler e fazendo uso da metodologia da Análise de Discurso francesa, examina-se normas de gênero e sexualidade no ambiente educacional, frequentemente marginalizando mulheres que não se alinham às expectativas

* Doutora em Sociologia pela UFPE. Professora associada UFPE/CE/DFSFE. Professora permanente do programa de Pós-Graduação em Educação da UFPE. Líder do grupo de pesquisa Religiosidades, Educação, Memórias e Sexualidades (REMS). Associada à SOTER, coordenadora do GT 06. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/8610442220256282>. E-mail: aurenea@hotmail.com.

** Estudante de graduação em Pedagogia, UFPE. Bolsista PIBIC-CNPq 2024-2025. Integrante do grupo de pesquisa em Religiosidades, Educação, Memórias e Sexualidades, REMS. E-mail: camyllivl@hotmail.com.



hegemônicas. Para tal, 06 entrevistas com mulheres trans, lésbicas e bissexuais foram realizadas, observando enunciações acerca de suas identidades, a partir do contato com a disciplina de ER. Como resultado tivemos percepções divididas: algumas entrevistadas apoiam sua inclusão na escola pública como uma oportunidade para se discutir temas como intolerância religiosa e discriminação sexual e de gênero. Já para outras, ela é catequista, devido à predominância de professores(as) cristãos(ãs).

Palavras-chave: Ensino Religioso; Gênero e Sexualidade; BNCC.

ABSTRACT

This article explores the impact of Religious Education (RE) in state and municipal public schools in Recife, considering its influence on women with different sexual and gender identities, taking into account in this process the absence of these themes in the BNCC. Based on theorists such as Louro and Butler and using the methodology of French Discourse Analysis, we examine gender and sexuality norms in the educational environment, often marginalizing women who do not align with hegemonic expectations. To this end, 06 interviews with trans, lesbian and bisexual women were conducted, observing statements about their identities, based on contact with the RE discipline. As a result, we had divided perceptions: some interviewees support its inclusion in public schools as an opportunity to discuss topics such as religious intolerance and sexual and gender discrimination. For others, she is a catechist, due to the predominance of Christian teachers.

Key words: Religious Education; Gender and Sexuality; BNCC.

RESUMEN

Este artículo explora el impacto de la Educación Religiosa (ER) en las escuelas públicas estatales y municipales de Recife, considerando su influencia en mujeres con diferentes identidades sexuales y de género, y considerando la ausencia de estos temas en el Marco Nacional de Educación Religiosa (BNCC). Basándose en teóricos como Louro y Butler y utilizando la metodología del Análisis del Discurso Francés, el artículo examina las normas de género y sexualidad en el entorno educativo, que a menudo marginan a las mujeres que no se alinean con las expectativas hegemónicas. Para ello, se realizaron seis entrevistas con mujeres trans, lesbianas y bissexuales, observando sus declaraciones sobre sus identidades a partir de su contacto con el curso de ER. Los resultados revelaron percepciones mixtas: algunas entrevistadas apoyan su inclusión en las escuelas públicas como una oportunidad para abordar temas como la intolerancia religiosa y la discriminación sexual y de género. Otras, sin embargo, la consideran una catequista, debido al predominio de profesorado cristiano.

Palabras clave: Educación Religiosa; Género y Sexualidad; BNCC.

1 INTRODUÇÃO

A pesquisa em tela, fruto de pesquisa de Iniciação Científica, realizada entre 2023-2024, foi financiada pela Propesqi-UFPE. Ela teve como foco o Ensino Religioso em escolas públicas, tanto estaduais quanto municipais de Recife, entendendo este como um componente curricular que desempenha um papel significativo na formação ética e moral dos estudantes, pois reflete um espaço de debate sobre valores e crenças. Parafraseando a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018), o ER deve

promover o respeito às diversas filosofias e crenças, auxiliando na formação de uma sociedade plural e integral. Contudo, se dado de maneira proselitista, a abordagem e o conteúdo dessa disciplina podem impactar de maneira diferenciada variados grupos sociais, especialmente mulheres que se identificam com diferentes identidades sexuais e de gênero não condizentes com as normas hegemônicas.

Sobre isso, pesquisas anteriores indicam que o ambiente escolar é um espaço de reprodução de normas sociais e culturais hegemônicas, que, muitas vezes reforçam estereótipos e desigualdades de gênero e sexualidade (BUTLER, 2003). Neste contexto, a disciplina de Ensino Religioso pode atuar como um agente de socialização, que não só discorre sobre certos valores religiosos, mas, também pode combater e/ou perpetuar preconceitos e exclusões. Autoras como Guacira Lopes Louro (2001) e Judith Butler (2003), por exemplo, discutem como as normas de gênero e sexualidade são construídas e mantidas nas instituições educacionais, frequentemente marginalizando e subalternizando aqueles(as) que não se conformam às expectativas dominantes.

Conduzindo-se para o cenário deste artigo, onde é explorado o discurso de mulheres estigmatizadas socialmente como lésbicas, bissexuais e trans, que cursaram a disciplina de Ensino Religioso nas décadas de 1980 e 1990 em escolas públicas de Recife, foram analisados dois pontos-chave: o primeiro, o aporte teórico da área de gênero e sexualidade, fundamental para entender as dinâmicas de poder e a marginalização de mulheres no contexto educacional. Assim, obras como "Gênero e Sexualidade na Educação" (LOURO, 2001) e "Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade" (BUTLER, 2003) ofereceram uma base crítica para a análise das experiências dessas mulheres, abordando como as construções nessa área são frequentemente utilizadas para manter estruturas de poder opressivas.

O segundo ponto, refere-se às entrevistas realizadas com mulheres trans, lésbicas e bissexuais que forneceram uma percepção sobre suas vivências e como suas identidades foram influenciadas/desafiadas pelo Ensino Religioso dado nas escolas públicas em que estudaram. Estas entrevistas destacaram a importância de se ouvir as vozes destas sujeitas, reconhecendo suas vivências únicas e a interseccionalidade de suas histórias que incluem não apenas gênero e sexualidade, mas também raça,

classe social e religião. Ao dar visibilidade a essas narrativas, a pesquisa buscou contribuir para um entendimento mais amplo de como o ER deve ser reavaliado, buscando ser mais inclusivo e respeitoso junto às diversidades presentes na sociedade contemporânea.

Assim sendo, este artigo visou não apenas a análise do impacto do Ensino Religioso na vida das entrevistadas, mas também, sublinhar a proposta de alternativas pedagógicas que promovam uma educação mais inclusiva, respeitosa e representativa das múltiplas identidades que compõem o espaço escolar, isto feito, envolvendo este componente curricular. Diante disso, estabelecemos como objetivo geral analisar os discursos que mulheres marginalizadas e subalternizadas sexualmente como as lésbicas, as bissexuais e as transgêneros elaboram acerca da disciplina de Ensino Religioso (ER) em escolas públicas estaduais e municipais de Recife; e como objetivo específico, avaliar, a partir dos discursos dessas mulheres subalternizadas sexualmente, se a disciplina de ER, por meio de seus conteúdos programáticos, colabora ou não com a marginalização e estigmatização social que sofrem. Contudo, antes de adentrarmos na pesquisa propriamente dita, abordaremos de modo breve a BNCC, em suas orientações para o estado de Pernambuco, no trato da disciplina em tela.

2 BNCC E ORIENTAÇÕES DO ENSINO RELIGIOSO EM PERNAMBUCO

O Ensino Religioso na Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) é um componente obrigatório, mas com matrícula facultativa, que tem como meta trabalhar a diversidade cultural, religiosa e filosófica de forma ética e inclusiva. A disciplina deve trazer uma abordagem laica e não confessional, com a valorização da pluralidade religiosa e filosófica. Nela, organiza-se as competências específicas que visam:

1. reconhecer e compreender as manifestações religiosas e filosóficas como expressões culturais e históricas da humanidade;
2. valorizar a diversidade religiosa e filosófica, promovendo atitudes de respeito e acolhimento às diferenças;

3. analisar criticamente os impactos das crenças e filosofias na formação de valores, identidades e dinâmicas sociais e
4. promover o diálogo ético, respeitando múltiplas perspectivas e incentivando a construção de uma cultura de paz e cooperação.

Nas orientações metodológicas para o Ensino Religioso em Pernambuco (MELO; SOUSA; LIMA, 2019), documento elaborado em 2019 que segue as orientações da BNCC de 2018, estes objetivos gerais são adaptados ao estado a partir de 05 unidades temáticas: Identidades e alteridades; Manifestações religiosas; Crenças religiosas e filosofias de vida; Filosofia e religião; Meio ambiente e religião. Nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, o foco é introduzir os alunos ao reconhecimento de símbolos, narrativas e práticas religiosas presentes em suas comunidades locais e em todo o país. Vê-se que se busca aqui um contato mais lúdico, ao se trabalhar o eu, o outro e o nosso, estimulando o respeito à diversidade e à valorização das diferentes formas de se viver e compreender o mundo.

Já nos Anos Finais do Ensino Fundamental, a proposta avança para um nível mais reflexivo e crítico. O pensamento agora envolve, entre outros fatores, que os alunos sejam incentivados a analisar as relações entre as manifestações religiosas e as dinâmicas sociais, históricas e culturais. Assim, as discussões incluem os impactos das religiões e filosofias nas relações humanas e em questões globais, como a preservação ambiental, os direitos humanos e a construção da cultura de paz. É possível perceber que o diálogo entre diferentes tradições e visões seculares é central nessa etapa, promovendo habilidades de argumentação e escuta ética.

Essa etapa segue a unidade temática Crenças Religiosas e Filosofias de Vida e os objetivos do Ensino Religioso são construídos na valorização da diversidade e na construção de identidades, esses, objetivos também gerais da BNCC, envolvendo o ER. Desse modo, tenta-se promover a compreensão das diferenças culturais e religiosas com foco no respeito às alteridades, no entanto, observa-se certa generalidade acerca disso, com a ausência de uma relação mais explícita entre os objetivos gerais e as necessidades regionais. Isso pode limitar a eficácia do documento no contexto específico pernambucano, tendo em vista nossas

especificidades religiosas e culturais. Além disso, as unidades temáticas são organizadas de maneira muito sistemática, não abrangendo em seus tópicos, por exemplo, as questões que tratamos nesta pesquisa em torno dos gêneros e das sexualidades, que são invisibilizados neste debate tanto no documento da BNCC como nessas orientações.

No mais, algumas unidades apresentam repetições desnecessárias, como as temáticas de símbolos, ritos e mitos, que aparecem em diferentes anos com pequenas variações. Esse tipo de repetição pode gerar redundâncias e comprometer a fluidez do aprendizado. Sobre as habilidades previstas, o documento apresenta uma ampla gama de competências que incluem desde a identificação e valorização de símbolos religiosos, até a análise crítica de práticas religiosas e suas influências na esfera pública.

Essas habilidades estão alinhadas aos objetivos e temas propostos, todavia, acreditamos que algumas habilidades poderiam ser menos descritivas e mais analíticas. Neste caso, habilidades como a de reconhecer e respeitar as práticas de comunicação com/das divindades e identificar significados atribuídos aos alimentos, nas diferentes tradições, poderiam ir além, ou seja, caminhar para reflexões mais profundas sobre os impactos culturais e sociais dessas práticas, levando em conta estigmas e preconceitos sociais envolvendo religiões minoritárias não cristãs, discriminadas socialmente.

Contudo, de modo objetivo, o Ensino Religioso em Pernambuco, proposto a partir das orientações metodológicas (MELO; SOUSA; LIMA, 2019), é organizado em torno de competências específicas que orientam sua aplicação em sala de aula. Neste aspecto, o desenvolvimento das competências inclui o reconhecimento da diversidade religiosa e filosófica, a análise crítica de narrativas e práticas religiosas, em seus contextos históricos-sociais e a promoção do diálogo ético e intercultural. Neste sentido, as habilidades desenvolvidas nesse componente curricular almejam extrapolar a dimensão acadêmica, adicionando aspectos éticos e sociais nesse processo, no entanto, reiteramos, isso é tão sistematizado que não abre margem para os debates e as discussões controversas acerca de temas complexos como o de nossa pesquisa.

Por outro lado, no documento em tela, tenta-se mostrar, através do ER, uma oportunidade para formar cidadãos mais conscientes, éticos e preparados para dialogar em uma sociedade multiculturalmente religiosa. Assim, ressalta-se que o documento de PE sobre o Ensino Religioso apresenta uma proposta sólida e estruturada especificamente no trato dado à diversidade e ao respeito às alteridades, representando indubitavelmente, um avanço significativo no campo do ER no estado de Pernambuco.

3 METODOLOGIA

No que tange à metodologia desta pesquisa, foi necessário adotar uma abordagem qualitativa com base na Análise de Discurso Francesa (AD), numa revisão bibliográfica e em entrevistas semi-estruturadas. A partir deste conjunto compreendeu-se as percepções e experiências das mulheres entrevistadas em relação à disciplina de Ensino Religioso, de modo a revelar como elas articulam suas narrativas e que significados atribuem a essa prática educacional. A revisão bibliográfica foi a etapa inicial do trabalho e teve como meta fundamentar teoricamente o estudo. Para isso, foi realizado um levantamento de obras e artigos científicos que abordassem as temáticas do ER, das sexualidades e gêneros na Educação e a marginalização e subalternização de certo conjunto de mulheres em contextos escolares.

Nesse sentido, deu-se a leitura e debate de textos como: “Gênero, Sexualidade e Educação” (LOURO, 2001), “Análise de Discurso: princípios e procedimentos” (ORLANDI, 2005), e “Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade” (BUTLER, 2003) e a partir daí, foi possível contextualizar e conceituar os termos gênero e identidade, entendendo como eles se articulam e suas implicações para grupos marginalizados, como as mulheres em foco nesta pesquisa, além de identificar lacunas na literatura que justificam a necessidade deste estudo.

A Análise de Discurso (AD) foi utilizada como principal metodologia para examinar as narrativas das participantes sobre o Ensino Religioso nas escolas públicas. Através deste método, buscou-se identificar as formas como as mulheres entrevistadas constroem e expressam seus discursos, revelando as relações de poder, as posições

e as ideologias presentes nas suas falas. Optou-se pela AD como abordagem, uma vez que ela permite explorar como as estruturas discursivas refletem e reforçam desigualdades sociais e isso foi aplicado especificamente às questões de gênero e sexualidade.

O exame focou em identificar padrões de discurso escolares que subalternizavam ou não as mulheres sexualmente marginalizadas, bem como em compreender como e se elas resistem ou se apropriam desses discursos para afirmar suas identidades. Este mesmo método, também foi utilizado e exercitado durante todo o período de exploração dos textos mencionados anteriormente, ou seja, nos meses de outubro a dezembro de 2023, quando feito estudos e levantamento bibliográfico; na sequência, foi aplicada a análise de discursos nos mesmos.

Para as entrevistas, estas foram semiestruturadas feitas com 06 mulheres: 04 Mulheres Trans Hetero, 01 Mulher Cis Lésbica e 01 Mulher Cis Bissexual que possuíam idades entre 33 anos e 47 anos e que cursaram a disciplina Ensino de Religioso, nas décadas de 80 e 90 do século passado, em escolas públicas estaduais e municipais de Recife. A seleção das participantes foi feita por meio de amostragem por conveniência e *snowball*, respectivamente junto à Articulação e Movimento para Travestis e Transsexuais (AMOTRANS) e no Centro de Referência em Cidadania LGBT da capital pernambucana. Buscamos incluir mulheres com diversas identidades de gênero, orientações sexuais, raças e classes sociais que tenham tido contato, reitera-se, com a disciplina de Ensino Religioso.

As entrevistas seguiram um roteiro que abordava temas como: experiências pessoais com a disciplina de Ensino Religioso, percepções sobre o conteúdo e a abordagem dela e como elas sentem que suas identidades e experiências são (ou não) reconhecidas e respeitadas no contexto escolar, especificamente no contexto do ER. As entrevistas foram gravadas com o consentimento das participantes, transcritas na íntegra e analisadas qualitativamente, tendo como foco a identificação de temas recorrentes e divergências significativas.

Roteiro das entrevistas

- 1) Qual sua idade e orientação sexual (se quiser expor)?
- 2) Há quanto tempo atua no Centro de Referência?
- 3) Possui religião? Se a resposta for positiva, qual (se quiser expor)?

- 4) É religiosa praticante?
- 5) Qual seu nível de escolaridade?
- 6) Quando estudou, teve a disciplina de Ensino Religioso (ER) na escola? Se sim, em que nível educacional?
- 7) O que essa disciplina de ER ensinava?
- 8) Você foi discriminada na disciplina de Ensino Religioso por conta de sua orientação sexual/identidade sexual? Se sim, de que forma?
- 9) Acha importante ter essa disciplina na escola pública? Justifique sua resposta.
- 10) Existia por parte do/da professor/professora dessa disciplina uma preocupação com um ensino diversificado das religiões, ou seja, com ensinar não somente as religiões cristãs, mas outras como as religiões de origem africana, por exemplo?
- 11) Havia diálogo/participação de instituições religiosas nas aulas dessa disciplina? Se sim, de qual e/ou de quais instituições?

Durante todo o processo de pesquisa, foram observados os princípios éticos previstos nas diretrizes da Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que regulamenta as pesquisas envolvendo seres humanos. Todas as participantes foram devidamente informadas sobre os objetivos da pesquisa, a confidencialidade dos dados e o direito de retirar o consentimento a qualquer momento. As identidades das participantes foram preservadas.

Os dados coletados foram organizados e codificados utilizando a Análise de Discurso, o que permitiu uma gestão mais eficiente do material transcrito e a identificação de padrões e temas emergentes. O exame cruzou os dados com o referencial teórico, sobretudo, os dados obtidos a partir da pergunta 09, onde se é questionado: *acha importante ter essa disciplina na escola pública?* Com isso, foi possível uma interpretação mais significativa das falas das participantes e uma compreensão das suas percepções sobre o Ensino Religioso. Essa metodologia multifacetada permitiu uma exploração abrangente e detalhada do tema, contribuindo para uma melhor compreensão dos discursos presentes nas falas dessas mulheres marginalizadas e subalternizadas sexualmente, fornecendo subsídios para reflexões futuras sobre novos estudos e políticas educacionais inclusivas.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Utilizando a metodologia da Análise de Discurso francesa, os dados obtidos, por meio de entrevistas semi-estruturadas, foram examinados com base nos aportes teóricos de Guacira Lopes Louro (2001) e Judith Butler (2003). Os resultados revelam uma

diversidade de opiniões e percepções, especificamente sobre a disciplina de ER, refletindo as complexas interseções entre gênero, sexualidade e religião no contexto educacional. Para conceituar mais a frente estas discussões dos resultados, será necessário deslocar-se às autoras supracitadas, pois elas expõem com margem de propriedade estas complexas interseções entre gênero, sexualidade, processos educacionais e a proposta de uma visão crítica que desafia as normatividades estabelecidas, em uma busca por promover uma educação mais inclusiva e diversa. No caso de Louro (2001), questiona-se as classificações rígidas e binárias de gênero e sexualidade que tradicionalmente estruturam a sociedade.

Assim, ao invés de fixar identidades em categorias estáticas, a teoria *queer* que defende, propõe uma visão dinâmica e fluida, onde elas (identidades) são vistas como performances e construções sociais que podem ser subvertidas e ressignificadas. Para a mesma, tal teoria oferece uma "política pós-identitária", que desafia as noções tradicionais de identidade e propõe um engajamento crítico com as normas sociais que regulam o comportamento humano. Ainda segundo ela, "a teoria queer nos convocar a pensar além das categorias identitárias fixas e a entender o gênero e a sexualidade como práticas discursivas que estão em constante processo de construção e desconstrução" (LOURO, 2001, p. 23). Essa abordagem subverte a lógica binária e abre espaço para uma multiplicidade de expressões de gênero e sexualidade que não se conformam com os padrões heteronormativos e cisnormativos dominantes.

Neste caso, para a mesma, as questões de gênero e sexualidade se articulam no contexto educacional. A autora utiliza uma abordagem pós-estruturalista para analisar como os discursos educativos participam da construção de normas de gênero e sexualidade e, ao mesmo tempo, como esses espaços podem ser locais de resistência e transformação. Argumenta ainda que a escola é uma instituição social fundamental na formação de subjetividades e na reprodução das normas de gênero e sexualidade

As práticas pedagógicas, os currículos e as interações cotidianas no ambiente escolar são profundamente marcadas pelas normas sociais de gênero e sexualidade, que tendem a reforçar os estereótipos e a exclusão de identidades que não se encaixam nos padrões hegemônicos (LOURO, 2001, p. 57).

No entanto, ela também destaca que a escola pode ser um espaço de resistência, onde essas normas podem ser questionadas e desafiadas, permitindo a construção de novas formas de se pensar e viver o gênero e a sexualidade. Já Judith Butler (2003) propõe uma nova abordagem para entender como as identidades de gênero são formadas, sustentadas e contestadas. Sua análise se baseia na ideia de que o gênero não é algo que se é, mas algo que se faz; é performativo, ou seja, que é construído através de repetidas ações e discursos que reiteram normas sociais.

Assim, essas performances de gênero são guiadas por normas sociais que estabelecem o que é considerado "masculino" ou "feminino", mas, essas normas são instáveis e podem ser desafiadas e subvertidas. Sendo assim, elucida que esse performativo, ou como propriamente foi denominado, Teoria da Performatividade de Gênero, é "uma identidade tenuemente constituída no tempo - uma identidade instituída através de uma repetição estilizada de atos" (BUTLER, 2003, p. 140). Por este ângulo, é sugerido que, ao invés de ser um reflexo de um "verdadeiro" núcleo de identidade, o gênero é algo que as pessoas fazem, de modo contínuo e reiterativo. Nesse sentido, a autora explica que "não há identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é performaticamente constituída pelas próprias 'expressões' que se dizem ser seus resultados" (BUTLER, 2003, p. 136).

Diante disso, as normas sociais e culturais tentam naturalizar certas formas de ser, contudo, há sempre a possibilidade de resistência e subversão e Butler sugere, que o próprio ato de repetir normas de gênero abre a possibilidade para variações e dissonâncias que podem desafiar essas normas. "O 'agir' de maneira repetitiva, que é o que torna o gênero 'natural', também contém a possibilidade de uma paródia, uma forma de subversão que pode desestabilizar essas normas" (BUTLER, 2003, p. 137).

Ela utiliza o conceito de paródia para ilustrar como as normas de gênero podem ser subvertidas, a paródia, segundo ela, não é apenas uma imitação, mas uma forma de desnaturalizar a rigidez dessas normas, demonstrando sua artificialidade e exposição a novas interpretações. "Drag é uma forma de paródia que revela o caráter imitativo da própria norma de gênero" (BUTLER, 2003, p. 137). Assim, a prática da drag não é apenas uma cópia ou uma farsa do "verdadeiro" gênero, mas, uma exposição do gênero como imitação, questionando a suposta "naturalidade" do masculino e do

feminino (LOUREIRO; VIEIRA, 2015). E é fluído por essas teorias, que passamos ao exame das entrevistas.

4.1 ENTREVISTAS

As entrevistas, de modo geral, evidenciaram que nenhuma das entrevistadas lembra com entusiasmo das aulas de Ensino Religioso (ER), o que aponta para um possível distanciamento emocional delas, em relação às suas experiências educacionais com essa disciplina, tendo em vista que quando elas foram ofertadas para elas entre os anos 80 e 90 não ocorria o debate epistêmico que há hoje. No entanto, suas percepções contemporâneas acerca do papel e permanência deste componente curricular, especificamente nas escolas públicas, foram divididas haja vista que algumas entrevistadas apoiam a inclusão do Ensino Religioso como uma oportunidade para se discutir temas como intolerância religiosa e a discriminação sexual e de gênero (ideologia favorável ao ER) na busca por uma cultura de paz. Para essas participantes, a disciplina poderia ser um espaço de conscientização e educação sobre a diversidade religiosa e sexual, contribuindo para a construção de uma sociedade mais inclusiva e respeitosa. O interessante foi a compreensão da disciplina por algumas como sendo ensino de religião e não da história, ciências e/ou das cosmologias religiosas (ideologia do ER como ensino de religião). Abaixo, seguem alguns recortes de fala de nossas entrevistadas:

Entrevistada A

Eu defendo porque precisa se falar da história das religiões e tem que ser para conscientizar, falar de todas as religiões, falar da diversidade racial e sexual; não falar apenas das religiões cristãs”.

Entrevistada B

Porque, quando se trata da educação, a gente tem que englobar o que acontece na vida do ser humano, incluindo a religião, do seu nascimento até a sua fase adulta. Então, a gente tem que aprender de tudo um pouco. Então, por isso que é importante, interessante, ter essa educação nas escolas, de todo tipo de religião.

Entrevistada C

Uma pessoa que é preconceituosa com uma pessoa trans, é preconceituosa com uma pessoa negra. Se aquela pessoa negra for da mesma religião que ele, ele pode até esconder um pouco aquele preconceito que ele vai ter com ela. Mas, se aquela pessoa negra for do Candomblé, ele já vai usar o preconceito dele, a raiva que ele tem por ela ser uma pessoa negra, ele vai usar o racismo, já incluindo com a religião que ela faz parte. Então, o pensamento aqui, é de, tipo, a disciplina de religião em si, ela não traz essa intolerância de gênero ou racial, e sim são as próprias pessoas, o convívio que vem de fora. Isso precisa ser discutido numa disciplina de religião, por isso acho importante ter ela na escola pública. E aí, isso, toda essa situação religiosa desperta esse preconceito, essa intolerância. É justo, que se for para trazer a disciplina de religião para as escolas, mas que traga uma outra visão. Que não foque só em uma religião, a religião é esse ativo, não. Que ela foque também na intolerância, no preconceito, que a religião trás; ela abrange várias diversidades. Tem o Candomblé, tem a Assembleia, tem a Batista, tem o Espiritismo, tem o Vale do Amanhecer, entendeu? Então, assim, que abranja tudo, entendeu? E foque na intolerância religiosa. E não que uma religião agrida a outra porque aquela outra é a religião certa. Isso cria essa guerra dentro da escola. E que a disciplina de religião, se eles forem aplicar nos colégios, que aplique de uma forma mais diversificada, entendeu? Porque querendo ou não, é a realidade que a gente vive hoje. E sim, como se fosse um assunto, ou temas que deveriam ser abordados nas aulas, em todas as aulas e temas vivos, que ocorrem nos jornais, nas televisões; as intolerâncias que nós sofremos. Abordar justamente, que seja uma coisa do dia a dia. Porque querendo ou não, o preconceito, a intolerância, ela está aí. Ela está disfarçada, entendeu? A partir do momento que uma pessoa, dentro de uma sala de aula, ela pode sofrer um racismo. Por ela ser negra, por ela ser de Candomblé, uma mulher trans que seja do Candomblé, ela pode sofrer dois preconceitos de uma vez só. Por ela ser uma mulher trans e por ela também ser de Candomblé. Ou uma pessoa negra que seja de uma outra religião, com a ciência e a religião, e que aquelas pessoas tenham um incomodo e acabam usando o racismo para querer atingi-la também, junto com a religião. A raiva. Então assim, que a religião seja praticada, essa disciplina religião, basicamente que seja uma coisa do dia a dia, natural. Que seja como se fosse uma conscientização todos os dias nessa escola para que esse tipo de comportamento não ocorra. Entendeu? Isso seja em colégio público e em colégio particular também. Que essa disciplina ajude a ter essa prática, que seja conscientizada dentro das escolas. Que é o quê? A conscientização do preconceito e da intolerância religiosa, racial sexual etc. Que seja um banho, bota um banho lá no colégio, tem aqueles quadros de aviso, bota lá. Aviso, intolerância religiosa é crime. É LGBTfobia é crime. Entendeu? Não seja somente uma disciplina, mas, que seja uma conscientização do Estado. Não só do Estado, do município, mas que bote lá em todos os órgãos de educação de que isso é crime, que todo mundo tem que estar ciente disso, porque a religião, o que se usa em nome da religião, gera muita intolerância e essa disciplina, junto com todo mundo da escola, tem que discutir isso.

Por outro lado, um grupo de entrevistadas expressou oposição à disciplina, argumentando que ela invariavelmente adota um viés catequista/preconceituoso devido à predominância de professores(as) cristãos(ãs). Essas entrevistadas acreditam que o Ensino Religioso nas escolas públicas, da forma como é atualmente implementado, tende a reforçar a intolerância religiosa e a discriminação sexual e de gênero, tanto dentro, quanto fora da sala de aula. Elas temem que a disciplina continue perpetuando um ambiente educacional que privilegia determinadas crenças religiosas e marginalizando aqueles(as) que não se alinham a essas crenças, incluindo pessoas com identidades de gênero e sexuais que não correspondem às normas heteronormativas e cisnormativas.

Entrevistada D

Olha, eu sinceramente não vejo importância na disciplina de Ensino Religioso nas escolas. Eu acho que as crianças já têm muita coisa para aprender, como português, matemática e ciências. Se eu parar para pensar, o que a religião vai agregar para elas no dia a dia, na prática? Pode até agregar, mas de um jeito negativo, se for pra ensinar uma religião só, é só catequizar. Em casa, cada família tem sua crença e ensina o que acha certo. A minha experiência de religião, com essa disciplina na escola foi a de me forçar a seguir um caminho só, sendo intolerante com o que eu era. Não mostrava a diversidade de crenças. Eu acho difícil isso mudar.

Entrevistada E

No que o ensino de religião, ainda mais na escola pública, pode ajudar a diminuir o preconceito que nós mulheres trans, lésbicas sofremos? Acho que só piora, porque ignoram nossa existência. Essa disciplina na escola, na minha época, pelo que me lembro, não foi boa. Sou contra. Além de que só ensinam o cristianismo, porque os professores são todos cristãos. Eu sou de religião de outra vertente e além do preconceito sexual, sofri quando paguei essa disciplina por não ser cristã.

Entrevistada F

Não vejo sentido nessa disciplina. Lá atrás a professora que a lecionava foi terrível comigo. Eu era a anormal, problemática da sala. Não gosto nem de lembrar. Ela era a cristã que estava salva e ia para o paraíso e eu, o demônio que ia pra o inferno.

4.2 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A partir da Análise de Discurso francesa, foi possível identificar os elementos subjacentes que moldam os posicionamentos das entrevistadas. De acordo com a teoria de Louro (2001), o discurso educacional é um campo de disputa, onde diferentes significados e interpretações são constantemente negociados; neste caso, a fala educacional não é neutra e sim um espaço de luta, onde as identidades são construídas e contestadas. Essa perspectiva nos ajuda a entender como as normas sociais e as identidades de gênero são formadas e como podem ser desafiadas dentro do ambiente escolar. Louro enfatiza a importância de se compreender como a Educação contribui para a construção de identidades de gênero e como ela pode tanto reforçar, quanto desafiar normas sociais opressivas.

Assim, “a educação, ao veicular discursos normativos sobre gênero e sexualidade, pode tanto perpetuar estereótipos quanto abrir espaço para a subversão desses modelos hegemônicos” (LOURO, 2001, p. 85). Dessa forma, concordamos com algumas entrevistadas quando afirmam que se a disciplina de Ensino Religioso abordar questões de intolerância e discriminação, pode ser vista como uma oportunidade para questionar e reconfigurar normas existentes; agora se não fizer isso, pode servir para reforçar estigmas e preconceitos.

Nesse sentido, a ideologia favorável ao ER de algumas entrevistadas entende a Educação como uma ferramenta potencial para a transformação social e a desconstrução de preconceitos. Como sugere Louro: “a prática educativa pode e deve ser um meio de promover uma consciência crítica que desafie as normas opressivas e favoreça a construção de identidades mais inclusivas e diversas” (LOURO, 2001, p. 91). Portanto, a visão dessas entrevistadas, em especial as Entrevistadas A, B, e C, sobre a disciplina de Ensino Religioso como um espaço para debate e transformação social, reflete uma compreensão crítica da área educacional como um campo dinâmico e influente na formação de identidades e na promoção da justiça social (ideologia da Educação como campo de transformação).

Por outro lado, quem se opõe à disciplina (ideologia de oposição ao ER) reflete o conceito de “matriz de inteligibilidade” descrito por Butler (2003) que se refere ao conjunto de normas e práticas que definem e naturalizam o que é considerado “aceitável” dentro de uma determinada cultura ou instituição. Ela argumenta que “a

matriz de inteligibilidade é uma estrutura que determina o que pode ser reconhecido como real, verdadeiro e aceitável" (BUTLER, 2003, p. 11).

Nesse sentido, a predominância de professores cristãos no Ensino Religioso pode ser entendida como uma prática que solidifica uma norma religiosa específica, excluindo outras perspectivas e experiências de fé e vida, além de poder discriminar, por conta da vinculação a essa crença, pessoas que fogem a regra heteronormativa. Butler afirma que "as normas de gênero e sexualidade são naturalizadas e reforçadas através de práticas discursivas e institucionais" (BUTLER, 2003, p. 11).

Isso significa, que a presença predominante de uma visão religiosa e heteronormativa no Ensino Religioso contribui para a construção e manutenção de uma norma que não apenas marginaliza, mas, também exclui outras identidades e experiências que não se encaixam nesse padrão. A imposição de uma identidade singular, conforme descrito por Butler, perpetua um ambiente educacional que marginaliza ainda mais aqueles(as) que já são subalternizados socialmente. Ela argumenta que "a imposição de uma identidade normativa não apenas delimita o espaço das identidades alternativas, mas também reforça a hierarquia social e cultural que favorece as identidades dominantes" (BUTLER, 2003, p. 11). Desse modo, a prevalência de uma única perspectiva religiosa e heteronormativa no Ensino Religioso pode ser vista como uma prática que contribui para a exclusão e marginalização de estudantes, cujas identidades e experiências divergem do padrão estabelecido.

Diante disso, as discussões e resultados obtidos, a partir de discursos de nossas entrevistadas, indicam que o Ensino Religioso, conforme implementado nas escolas públicas de Recife, é um campo de tensões e contradições, refletindo as disputas maiores na sociedade sobre religião, gênero e sexualidade (OLIVEIRA, 2014; 2015; 2016). A Análise de Discurso francesa revelou como diferentes grupos de mulheres marginalizadas e subalternizadas sexualmente articulam seus posicionamentos em relação à disciplina, expondo, através de ideologias favoráveis e contrárias ao ER, tanto o potencial, quanto os riscos associados a sua manutenção no currículo da escola pública.

A partir das contribuições teóricas de Louro e Butler, fica evidente que a disciplina de ER precisa ser repensada para evitar a perpetuação de práticas discriminatórias,

tornando-se um espaço de educação crítico e inclusivo. Para isso, é fundamental promover uma formação docente para lecionar o ER, especificamente na atualidade, a partir dos cursos de Ciências e/ou Ciência das Religiões, abordando não somente a diversidade religiosa, mas também, a étnico racial e especialmente a sexual, isso feito de maneira respeitosa e informada, já que a relação religião e sexualidade é forte em várias cosmovisões de mundo religiosas; bem como, faz-se necessário desenvolver nesta disciplina práticas pedagógicas que questionam e desafiam as normas hegemônicas que marginalizam determinados grupos sociais (OLIVEIRA; SILVA, 2024).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo trouxe à tona questões complexas e multifacetadas relacionadas à disciplina de Ensino Religioso (ER) e seu impacto na vida de mulheres que pertencem a grupos marginalizados. Utilizando a metodologia da Análise de Discurso francesa e fundamentando-se em teorias de gênero e sexualidade, como as de Guacira Lopes Louro e Judith Butler, a pesquisa permitiu uma compreensão das dinâmicas discursivas que permeiam as percepções dessas sujeitas sobre o ER.

Os resultados revelaram que a disciplina de Ensino Religioso é percebida de maneira ambígua pelas participantes pois, enquanto algumas mulheres veem potencial nela para promover discussões sobre intolerância religiosa e discriminação de gênero, outras criticam sua estrutura atual, que tende a reforçar um viés catequista e normativo, perpetuando, assim, a exclusão e a marginalização de identidades divergentes.

Esta ambivalência demonstra a necessidade urgente de se repensar o papel do ER nas escolas públicas, garantindo que ele não se limite à transmissão de uma visão hegemônica de religiosidade, mas, que se torne um espaço de reflexão crítica, diálogo inclusivo e promoção da diversidade, colocando em debate as questões de gênero e sexualidade que foram infelizmente banidas da BNCC em 2018 (OLIVEIRA; SILVA, 2024). Neste aspecto, levando em consideração a diversidade religiosa brasileira e a dos(as) estudantes e comunidade escolar de modo geral, em se tratando tanto de religiosidades como de orientações sexuais, deve ser enfatizado que “o Ensino

Religioso possibilita um constante e atualizado conhecimento do mundo e torna possível perceber, interpretar, compreender e conviver com a realidade” (JUNQUEIRA; ITOZ, 2024) de modo mais próximo às cosmovisões e sentidos de vida.

A análise, à luz da metodologia da AD, sublinhou a importância de se considerar o ER como um *locus* de reprodução, mas igualmente, de produção de normas sociais, que pode tanto reforçar estereótipos, quanto subverter, para promover a resistência e a mudança, ou seja, poder promover paráfrases e polissemias (GARCIA, 2003; CRUZ; OLIVEIRA, 2024). O estudo evidenciou a necessidade de uma abordagem ética e inclusiva na Educação, que reconheça e valorize a diversidade de experiências e identidades dos(as) estudantes, especialmente daquelas que foram historicamente marginalizadas.

Portanto, este trabalho destacou a importância da reconfiguração do currículo e da formação docente no Ensino Religioso, para que ele possa, de fato, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. É essencial que as políticas educacionais incluam e representem as vozes e experiências dos grupos marginalizados, de modo a transformar o ER em um espaço verdadeiramente inclusivo e transformador. A pesquisa conclui que, apenas através de um compromisso genuíno com a diversidade e a justiça social, a disciplina de Ensino Religioso poderá desempenhar um papel democrático na formação cidadã e na promoção de uma cultura de paz e respeito às diferenças no ambiente escolar (OLIVEIRA, 2020).

REFERÊNCIAS

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular*. educação é base. Brasília: MEC/SEF, 2018.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CRUZ, Jevison Cesário Santa; OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Diálogo entre História oral e Análise de Discurso: elementos para compreensão do Reisado Imperial na Bomba do Hemetério. *REVISTA COCAR (ONLINE)*. v.21, p.1-17, 2024.

GARCIA, Tirza Myga. Análise do Discurso Francesa: uma introdução nada irônica. *Working Papers em Logística*. UFSC, n. 7, p. 121-140, 2003.

JUNQUEIRA, Sérgio; ITOZ, Sonia de. Ensino Religioso uma proposta para o Ensino Médio. *REFLEXUS - Ano XVIII*, n. 2, p. 417-430, 2024.

LOUREIRO, Gabriela; VIEIRA, Helena. Transgênero: Tudo que você sabe está errado. *Galileu*, São Paulo, v. 11, n. 292, p.44-53, nov. 2015. Mensal

LOURO, Guacira, Lopes. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELO, Constantino José Bezerra de; SOUSA, Rosalia Soares de; LIMA, Wellcherline Miranda. *Orientações Metodológicas Ensino Religioso: Ensino Fundamental*. SEE-PE. 2019.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Pluralismo e alteridade: o lugar que os segmentos LGBTTTI ocupam no currículo da disciplina de Ensino Religioso nas escolas estaduais e municipais de Recife (PE). *REVISTA PISTIS & PRAXIS: TEOLOGIA E PASTORAL*. , v.6, p.611 - 625, 2014.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Relações de gênero e orientação sexual no currículo da disciplina de Ensino Religioso em escolas estaduais e municipais de Recife. *HORIZONTE: REVISTA DE ESTUDOS DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ONLINE)*. , v.13, p.1510 - 1533, 2015.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Diferença sexual e religiosa no currículo de ensino religioso em escolas de Recife. *REVISTA ELETRÔNICA DE EDUCAÇÃO (SÃO CARLOS)*. , v.10, p.128 - 142, 2016.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de. Ensino Religioso em contexto democrático: debate nas escolas públicas contemporâneas. *HORIZONTE: REVISTA DE ESTUDOS DE TEOLOGIA E CIÊNCIAS DA RELIGIÃO (ONLINE)*. Belo Horizonte, v.18, p.15 - 32, 2020.

OLIVEIRA, Aurenéa Maria de; SILVA, Jacilene Maria. Gêneros e sexualidades: trato com temas transversais na disciplina de Ensino Religioso em escolas de Recife. *CADERNOS DE PESQUISA DO CDHIS (ONLINE)*. v.37, p.104 - 136, 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 6 ed., 2005.